

## LINHAS CRUZADAS: CONFIDÊNCIAS ENTRE MULHERES SOBRE GÊNERO, ENVELHECIMENTO E CUIDADO<sup>1</sup>

Márcia Tavares<sup>2</sup>

### Resumo

O envelhecimento é um campo de estudos ainda pouco explorado pelo Serviço Social. Neste artigo procuro refletir sobre o relato de cinco mulheres, acima dos cinquenta anos e solteiras, feitos através de conversas/confidências telefônicas, em torno da assunção do papel tradicionalmente reservado às mulheres de cuidadoras de enfermos e idosos da família, mas também como isso afeta a dinâmica das relações familiares e suas trajetórias individuais, marcadas por tensão, sentimento de culpa e ressentimento diante das restrições impostas quanto à sua vida social, afetiva e profissional.

**Palavras-chave:** envelhecimento, cuidado, geração intermediária, confidências relações familiares.

### Abstract

Aging is a field of study that has not yet been explored by Social Work. In this article, I try to reflect on the report of four women, over fifty and single, made through telephone conversations / confidences, about the role traditionally reserved for women who care for the sick and elderly in the family, but also how this affects the dynamics of family relationships and their individual trajectories, marked by tension, feelings of guilt and resentment at the restrictions imposed on their social, affective and professional life.

**Keywords:** aging, care intermediate generation, confidences, family relationships.

---

<sup>1</sup> Uma versão resumida deste artigo foi apresentada em Sessão Temática de Comunicação Oral da IX Jornada Internacional de Políticas Públicas (IX JOINPP), realizada em São Luís/MA, no período de 20 a 23/11/2019.

<sup>2</sup> Assistente Social. Professora do Curso de Serviço Social e dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismos e de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Ciências Sociais pela UFBA. E-mail: marciatavares1@gmail.com.

## 1. Antes de discar: algumas ponderações

Desde o século XX, a família tem sido alvo de profundas mudanças, que envolvem desde o fim da indissolubilidade do matrimônio, redução do número de filhos e banalização do divórcio até o surgimento de diferentes arranjos familiares associados à luta em defesa da igualdade/equidade de gênero. A longevidade tem afetado a dinâmica familiar, torna-se cada vez mais comum nas famílias a coexistência de três ou mais gerações. Uma das questões problematizadas por pesquisadores se refere à coesidência entre essas gerações, os estudos buscam analisar quais as mudanças produzidas, se há fragilização ou fortalecimento dos vínculos afetivos e/ou de solidariedade na esfera privada e especificamente na esfera familiar (SILVA, 2014).

Entre as décadas de 1980 e 1990, os velhos passam a ser considerados um “problema social” devido ao crescimento significativo e longevidade deste grupo geracional e, por isso, tornam-se objeto de estudo (BRITTO DA MOTTA, 2010). No Brasil, os estudos que trazem como tema o envelhecimento têm comprovado que a velhice apresenta uma especificidade de gênero e, a despeito de algumas experiências similares, a condição geracional faculta também relações, situações e representações variadas, já que a vida social se estrutura através de um entrelace de relações (gênero, classe, idade/geração e raça/etnia entre outras clivagens), que produzem velhices heterogêneas, resultantes de vivências plurais (BRITTO DA MOTTA, 2011; SANTOS, BOAVENTURA & BRITTO DA MOTTA, 2014).

Britto da Motta (2012a) observa que para as mulheres mais velhas, o envelhecimento parece tornar a vida mais suave, uma vez que desfrutam do que a autora denomina de liberdade de gênero, isto é, desvencilham-se de antigos controles e obrigações societários que as oprimiam quando jovens e até maduras, principalmente no tocante ao papel reprodutivo e de cuidado com o lar, os filhos e o cônjuge. Por outro lado, a autora chama a atenção para o crescente número de mulheres solteiras, descasadas

ou viúvas, que passam a assumir o papel de provedoras econômicas e chefes de família, sendo recorrente “a solidão afetiva – ou, pelo menos, a condição de sós” (p. 84).

Para Saad (2004), o intercâmbio de ajuda entre pais e filhos tende a se alongar por todo o ciclo de vida familiar, como se houvesse uma espécie de contrato intergeracional estabelecendo o papel a ser desempenhado pelos diferentes membros da família em cada estágio do ciclo. Normas tradicionais, tanto assimiladas culturalmente quanto impostas por meio de pressões sociais, parecem reforçar essa situação, atuando como força propulsora do intenso fluxo de apoio entre as diferentes gerações. Nesse sentido, complementa Caldas (2003. p. 778):

[...] embora a designação do cuidador seja informal e decorrente de uma dinâmica, o processo parece obedecer a certas regras refletidas em quatro fatores: parentesco, com frequência [sic] maior para os cônjuges, antecedendo sempre a presença de algum filho; gênero, com predominância da mulher; proximidade física, considerando quem vive com a pessoa que requer cuidados; e proximidade afetiva, destacando a relação conjugal e a relação entre pais e filhos.

Ao mesmo tempo em que se intensifica o processo de envelhecimento populacional, firma-se no Brasil uma conjuntura que limita a transferência de ajuda de filhos adultos a pais idosos e, a situação de dependência do idoso em relação à família se torna alvo de preocupação. Um dos aspectos preocupantes diz respeito à significativa redução no tempo disponível da mulher — a quem tradicionalmente tem sido designada a tarefa dos cuidados básicos de enfermos e idosos conforme cresce a sua participação no mercado de trabalho. Além disso, tem aumentado a situação de carência que atinge essa parcela da população na sociedade latino-americana, o que dificulta a oferta de ajuda — principalmente financeira — a parentes idosos. Mesmo assim, a existência de vínculos emocionais mais sólidos entre mulheres do que entre homens de diferentes gerações dentro da família, parece sugerir a reprodução de valores tradicionais, que atribuem à mulher a responsabilidade pelos cuidados com pais e filhos. (SAAD, 2004).

Com efeito, ao refletir sobre a crescente longevidade e coexistência de três ou mais gerações simultâneas numa mesma família, Britto da Motta faz referência à “geração pivô”, geração intermediária composta por “idosos jovens”. Conforme explica,

[...] com a crescente longevidade ensejando o desdobramento das famílias em quatro e até cinco gerações simultâneas, o pivô frequentemente é mais que cinquentão. Ou melhor, mais que cinquentona... Porque a situação de gênero, no caso, é que pouco varia – são sobretudo mulheres que, bem além do fato de viverem mais que os homens, têm o ‘destino’ tradicional de suporte familiar. Por isso, é importante que seja lembrado que muito da solidariedade intergeracional existente se realiza às custas do empenho emocional e do trabalho não remunerado das mulheres. (BRITTO DA MOTTA, 2012b, p. 90).

Ainda de acordo com Britto da Motta (2012b), não há como pensar a geração pivô sem associar ao cuidado, ao apoio e ao papel exercido pelas mulheres nele. Em suas pesquisas, a autora tem identificado uma inteligível questão de gênero, qual seja, uma filha que é “escolhida” para cuidar do/a idoso/a, enquanto os outros filhos geralmente se omitem, realizando apenas visitas esporádicas e, tantas vezes, críticas. Durante sua pesquisa, a autora ouviu vários desabafos sobre renúncias que as filhas cuidadoras se veem forçadas a fazer, a exemplo da impossibilidade e ou empecilhos para terem uma vida pessoal e social, pois têm que abdicar de passeios e distrações, seja porque os/as mais velhos/as não se mostram animados, têm dificuldade de locomoção ou logo se cansam. Há também as obrigações financeiras – nem sempre leves – com as quais essas filhas têm que arcar.

Certamente, estou ciente de que relatos ou confidências são reelaborados pelos indivíduos, que ora omitem e censuram determinadas situações ora imprimem um tom mais dramático ou mesmo conferem maior destaque a este ou aquele elemento em suas narrativas. Conforme pondera Alves (2009, p. 13):

Os scripts estruturam-se como relatos e contêm elementos verbais e não-verbais. Como todo relato, eles são manipuláveis, mas não são ficções. Eles não explicam situações concretas, mas servem de mapas de orientação para conferir coerência à trajetória individual. Em nome dessa coerência, o sujeito pode manipular os eventos (que são elementos do script), reordená-los no tempo, reinterpretando-os, colocando maior ou menor ênfase em alguns e estabelecendo conexões de causa e efeito entre eles.

É sobre restrições no ir e vir, encargos financeiros, cobranças familiares, sentimento de culpa, tensão e angústia entre outros que discutiremos no próximo tópico, a partir do desabafo de Júlia, Ruth, Mônica, Aisha, Esther e Hanna<sup>3</sup>, que se valem da ambivalência produzida pelo telefone (proximidade de alguém que nos escuta e relativo distanciamento e controle já que ao primeiro sinal de incômodo podemos desligar) para compartilharem comigo, uma também “cinquentona pivô”, sua lida com idosas/idosos e respectivos familiares.

## 2. Escuta telefônica: sobre (in) confidências

A entrevista telefônica tem sido utilizada como um método de investigação científica em que a comunicação interpessoal não requer um encontro face a face para a obtenção de dados (GONÇALO; BARROS, 2014), sendo geralmente adotada para colher informações em larga escala, em que a busca de pessoas se dá de forma aleatória e impessoal. Todavia, aqui recorro a outro artifício, em que o telefone se torna um meio para troca de confidências entre mulheres que nutrem vínculos afetivos e cujas vidas sofrem uma reviravolta ao serem “escolhidas” como cuidadoras de pais idosos.

Júlia nasceu no interior de Mato Grosso e, desde adolescente, a leitura atuou como escapismo da vida provinciana e a ajudou a suportar o alheamento diante das expectativas familiares. Filha de pai comerciante e mãe dedicada aos afazeres domésticos, saiu de casa para cursar a Universidade na capital, graduou-se em História e, passou a lecionar em uma universidade privada em Fortaleza, só retornando à sua cidade eventualmente, durante férias ou feriados prolongados para visitar a família. Aos cinquenta e cinco anos e solteira, o envelhecimento dos pais, acompanhado de problemas de saúde e dificuldades financeiras, aliado ao desemprego do irmão, que também reside em outro estado com a família, escolhem-na como cuidadora dos mais velhos. Conforme desabafa:

Conto porque é para você e sei que vai me entender. Não sei quantos anos faz que tirei férias, é terminar o semestre e viajar para

<sup>3</sup> Nomes e dados pessoais foram alterados, de modo a preservar o anonimato das confidentes.

cuidar de tudo. Meu irmão desempregado, nem tenho como pedir ajuda. Não tenho mais tempo para mim, às vezes me dá vontade de ir para um hotel na beira do mar e ficar ..., mas, a culpa, você também sente culpa? A despesa é grande e só contam comigo. Agora mesmo vou ter que pedir um empréstimo no banco. (Júlia)

Tanto os cuidados como a ajuda financeira aos pais idosos são esperados de Júlia já que é mulher, com “vocação natural” para cuidar. Além disso, o irmão também necessita de ajuda, o que o isenta de dividir a responsabilidade com ela. O fato de ser solteira e não ter constituído sua própria família parece dotar Júlia de uma suposta disponibilidade financeira, o que a impele a tentar corresponder às expectativas familiares, mesmo que para isso tenha que contrair d vidas e abdicar de passeios ou quaisquer atividades lúdicas, enquanto a culpa a assombra por cogitar um ato de rebeldia e dedicar alguns momentos para si.

Na ocasião, compartilhamos culpa, mas também ressentimento, pelas férias e viagens perdidas, carnavais abandonados e festas adiadas, enquanto sobrinhos e sobrinhas tomam decisões   nossa revelia e nos elegem cuidadoras de idosos e doentes da família.

Com efeito, nossa conversa resultou em escrutínio do meu próprio escaninho de memórias, fazendo-me recordar alguns episódios: Lembro-me, por exemplo, de que participava de uma banca de seleção para professores e, por conta da atividade, baixara o som do meu telefone. Após concluir a avaliação das provas, quando ia sair para almoçar, resolvi checar as mensagens e havia várias de familiares, cada vez mais irrita es. Minha mãe havia caído e estava hospitalizada. Fiquei tão desnorreada que as colegas me incentivaram a viajar imediatamente. Não sei como consegui dirigir, sequer me recordo como cheguei à casa materna, já que novas mensagens se sucediam, acusando a minha demora. A agonia foi tanta que deixei a mala no meu apartamento e só me dei conta horas mais tarde, quando as coisas se acalmaram tive que comprar roupas, já que iria participar de um evento nos dias seguintes.

O evento em questão se tornou outra fonte de tensão, pois, embora a queda não tivesse provocado danos, minha mãe permanecia hospitalizada, sob observa o, devido à idade. Então, corria de um lado para outro, assistia parte do evento e ia ao hospital, apresentava

comunica o oral e retornava ao hospital. Foi apenas uma semana, mas como me senti exaurida! Não são poucas as vezes que, de forma explícita ou mais sutil, sou indagada por familiares, mas também por pessoas próximas e outras nem tanto, se não penso em pedir transferência da Universidade ou mesmo me aposentar para cuidar da minha mãe. Quando decidi fazer pós-doutorado enfrentei outro dilema, não conseguiria me desligar das demandas familiares. Então, pouco a pouco a distância geográfica foi sendo reduzida, de Portugal para Porto Alegre até Aracaju, onde tive que conciliar estudos com os afazeres domésticos, idas a médicos, supermercados e farmácias, além de assistir até a última novela noturna, quando então era liberada para finalmente me dedicar às tarefas acad micas. Mesmo aos domingos, constantemente interrompida pelo mais recente número da Dança dos Famosos<sup>4</sup> ou uma supostamente imperdível reportagem no Show da Vida, cujos acordes são cada vez mais monocórdios.

Uma situa o análoga   enfrentada por Hanna, que perdeu o pai ainda criança e cuja mãe, Teresa, antes dedicada às prendas do lar, viu-se forçada a contar com o suporte financeiro dos próprios pais para criar três meninas e um filho adolescente, até que pudesse retomar os estudos e se formar em Enfermagem. Hanna é formada em Psicologia, tem sessenta e quatro anos,   solteira e, faz cerca de dez anos foi trabalhar num hospital público de Recife, onde reside com uma irmã mais velha e aposentada. Ela confidencia que:

Desde que me mudei para Recife, não sei o que é carnaval, semana santa, pois viajo para ficar com minha mãe em João Pessoa, sem contar que nessas ocasiões minha mãe sempre passava mal, eu levava   emergência e, após ser examinada e ficar no soro por um tempo, ela era liberada, já que não tinha nada. Sempre que tenho qualquer folga   vir para casa, o pior é que a família v  isso como obriga o. É natural que as sobrinhas acompanhem seus maridos em viagens e passeios, mas como solteira tenho o ‘dever’ de fazer companhia   minha mãe. No último feriado de Natal, sem sequer me consultar, um sobrinho liberou a cuidadora da mãe que tem depressão e ela veio ficar conosco, quando eu questionei e disse que na entrada de ano eu não poderia cuidar dela, ele se sentiu ofendido e ainda me acusou de negligente. Eu acordei cedo, fiz o café, preparei a ceia, a sobremesa, enquanto a televisão anunciava a passagem do tempo, da primeira   última novela, o especial de Roberto Carlos, para logo mais lavar os pratos, dormir e com car tudo novamente no dia seguinte. Meu irmão? Faz visitas rápidas,

<sup>4</sup> Refiro-me aos programas televisivos Doming o do Faust o e, em seguida, ao Fantástico, exibidos pela Rede Globo aos domingos.

sempre com pressa, ele e minha mãe pouco interagem, lembra da peça de Miguel Falabella, “A Partilha”<sup>5</sup>? Acho que é um pouco isso, garantindo sua parte na herança. (Hanna)

De acordo com Sebastião e Albuquerque (2011)<sup>6</sup>, diante da dependência de um indivíduo idoso a primeira questão colocada é quem tem o “dever de cuidar” e, invariavelmente, os cuidados com idosos que apresentam algum tipo de dependência ficam sob a responsabilidade das mulheres<sup>7</sup>, o que reforça uma situação de desequilíbrio e desigualdade de gênero, principalmente quanto à conciliação entre vida profissional e afetiva. Essa situação se agrava quando o núcleo familiar é mais reduzido e não há uma distribuição democrática das tarefas domésticas entre os membros antes da dependência. Conforme acrescentam Areosa e suas colaboradoras (2014, p. 484):

No momento em que a mulher assume seu papel de cuidadora, acaba diminuindo as suas atividades de lazer e de oportunidades para a vida social. Porém, quando esta mulher não quer assumir este papel, torna-se alvo de pressão social e familiar, resultando conflitos familiares e conseqüentemente ela acaba criando sentimentos de culpa.

Britto da Motta (2012c) reforça que a expectativa social e da família é que as mulheres/filhas cumpram o “‘destino’ tradicional de suporte familiar” e, caso a geração intermediária seja composta por “idosas jovens”, na faixa dos 60 anos e solteiras, como eu e Hanna, presume-se que estas devem abandonar sonhos, projetos de vida para se dedicarem integralmente aos cuidados com os pais idosos, o que implica em acompanhá-los nas idas e vindas a médicos, ministrar medicamentos, administrar a casa – compras, pagamentos, reformas etc., além de fazer companhia, o

<sup>5</sup> A peça teatral “A Partilha” foi escrita e dirigida por Miguel Falabella em 1991 e transformada em filme em 2002. O roteiro aborda o reencontro de quatro irmãs durante o enterro da mãe, depois de muitos anos afastadas, para fazer um levantamento dos bens da família e repensarem suas próprias vidas.

<sup>6</sup> Sebastião e Albuquerque (2011, p.) realizaram um estudo de caso em 2009 e 2010, com 13 famílias da região Centro de Portugal e, constaram que a prestação de cuidados ao idoso dependente permanece, tal qual historicamente, a cargo das mulheres. Dentre os casos analisados, as autoras identificaram que “em 11 situações o apoio ao idoso dependente é assegurado por uma mulher (cônjuge, em 2 casos, filha, em 7 casos, e nora, em 2 casos)”.

<sup>7</sup> Ver, também, Caldas (2003); Britto da Motta (2012c); Areosa et al (2014).

que por sua vez envolve abdicar do convívio com amigos/as.

Para os homens, o cuidado ainda é considerado uma função exclusivamente feminina e a esfera privada permanece como o lugar das mulheres, a despeito do seu crescente trânsito para o espaço público desde as últimas décadas do século passado. Não é à toa, portanto, que as mães usem de chantagem emocional para convencer as filhas a pedirem transferência e retornarem à cidade de origem definitivamente, demonstrem aborrecimento e irritação quando uma delas se arruma para sair com amigos, como faz a mãe de Hanna: “Quero minhas filhas junto de mim”, sob a alegação de que a morte está próxima.

Ainda que a pessoa idosa não apresente problemas graves de saúde ou dependência física, o avançar da idade vem associado à redução de convites, ao isolamento social, causando a vivência de quem não mais desperta interesse; de quem está à margem, o que desperta solidões decorrentes de causas diversas, dentre elas “o tratamento preconceituoso, discriminatório, ou até indiferente de que são diretamente objetos no cotidiano, que os atinge e os faz se retrair; principalmente os mais velhos” (BRITTO DA MOTTA, 2018, p. 90), que muitas vezes se sentem rejeitados ou mesmo invisíveis. Afinal, como desabafam as suas informantes, os filhos mal chegam do trabalho e já saem para socializar com os amigos e, mesmo com a casa cheia, o silêncio se instala, dada a escassa comunicação intergeracional.

Aisha nasceu em Fortaleza, cursou a faculdade de Comunicação em Natal, morou um tempo em Marrocos com a mãe, até fixar residência em São Paulo, onde passou a trabalhar em uma estatal. Próxima dos cinquenta anos, segundo afirma, havia passado por “alguns sofrimentos graves” que trouxeram revolvimentos tanto no âmbito pessoal como profissional, levando-a a repensar e buscar mais qualidade de vida, “achava importante me sentir acolhida onde gostava”, motivo pelo qual decidiu pedir transferência do trabalho e se mudar para Natal.

Quando a mãe foi acometida por uma doença degenerativa e teve que retornar ao Brasil, de acordo com Aisha, única mulher entre três irmãos casados e,

solteira, não houve dúvidas na família sobre “quem deveria cuidar” da mãe, ou seja, ela, o que produziu mudanças em sua vida ao mesmo tempo em que tramou sentimentos ambíguos. Conforme explica, “a vinda da mainha só me facilitou a decisão para ela estar mais perto dos meus irmãos, mas meu irmão disse que era melhor eu ir para Fortaleza e não para Natal, mas não cedi”. Deste modo, os irmãos contribuíam financeiramente, revezavam-se para visitas mensais, mas o papel de cuidadora se tornou responsabilidade exclusiva de Aisha, que se sentia

Sobrecarregada porque quando há mais membros na residência, divide-se um pouco. Sozinha administrando tudo: os remédios, os médicos e exames, a companhia pra ela, as funcionárias, a casa... quem mora só não tem aquele tipo de demanda. Foi punk, tive depressão.

A crescente inserção feminina no mercado de trabalho tem cada vez mais dificultado as mulheres brasileiras a desempenharem o papel de cuidadoras, o que se complexifica ainda mais diante da redução dos núcleos familiares e sua inaptidão para devotarem cuidados aos mais idosos, além da incapacidade da maioria dos sistemas formais de suporte para substituição da família de forma eficiente<sup>8</sup> (FALCÃO; BUCHER-MALUSCHKE, 2008).

Com efeito, conciliar os cuidados com a mãe e consigo sem afetar o trabalho profissional foi desgastante, conforme lembra Aisha:

Tivemos de contratar cuidadora para o dia e uma pessoa para limpar e cozinhar. Eu era a cuidadora da noite. Foi muito cansativo trabalhar durante o dia e ser a cuidadora da noite. Tive um mês de afastamento no mês que antecedeu o falecimento dela. Eu não podia sair à noite e perdi a privacidade de morar sozinha. A casa tinha gente gente... cansou.

De acordo com Falcão e Bucher-Maluschke (2008) há uma recorrência entre filhas cuidadoras de queixas relativas à redução das atividades de lazer e da vida social, além da perda de liberdade, ao que acrescento a perda de privacidade, quando estas residiam sozinhas antes de assumirem o papel de cuidadoras, o que pode

<sup>8</sup> Caldas (2003, p. 776) destaca que: “As políticas públicas de vários países, incluindo o Brasil, reconhecem oficialmente a contribuição dos cuidadores informais, dos voluntários e do setor privado para complementar a assistência pública. Mas a questão do financiamento do cuidado comunitário permanece um desafio a ser enfrentado”.

incorrer em estresse, depressão e isolamento<sup>9</sup>, como ocorreu com Aisha. Por outro lado, as autoras observam que um dos argumentos utilizados por irmãos casados para se eximirem da responsabilidade de cuidar dos genitores consiste no fato de que já têm suas próprias famílias para cuidar.

Falcão e Bucher-Maluschke (2008), referendadas em Santos e Rifiotis (2003)<sup>10</sup> ponderam que a decisão de cuidar está condicionada à indisponibilidade de outros possíveis cuidadores, e quanto maior o envolvimento do cuidador, mais os não-cuidadores se isentam do cuidado. Esse tipo de dinâmica é permeado por tensão e, acrescento, renegociações à medida que a doença evolui e exige mais cuidados.

Nesse sentido, reportando-se à sua tese de doutorado, Caldas (2000)<sup>11</sup>, Caldas (2003) ressalta que quando os cuidadores dispõem de apoio institucional, estratégico, material e emocional, conseguem exercer o cuidado e terem uma vida social, sem se sentirem paralisados pela sobrecarga causada pela atenção dedicada ao doente dependente. A autora acrescenta que:

Por vezes, as exigências da atividade de prestação de cuidados podem ter também repercussões profissionais mais ou menos importantes, dependendo do nível de solidariedade laboral existente. Essa solidariedade, que pode advir dos colegas de trabalho e/ou dos superiores hierárquicos, manifesta-se sobretudo na flexibilidade do horário laboral, compreendendo a tolerância perante atrasos, faltas justificadas com idas ao médico e alteração dos turnos de trabalho... (CALDAS, 2003, p. 41)

Quando o quadro da mãe se agravou e esta teve que ser hospitalizada, Aisha pode contar com a solidariedade institucional quanto a maior flexibilidade de horários e

<sup>9</sup> Caldas (2003, p. 41) enfatiza que: “Os cuidadores manifestam por exemplo a falta de disponibilidade para estudar, para fazer fisioterapia, para o serviço religioso, para as atividades econômicas informais paralelas (por exemplo, atividades agropecuárias), e para atividades de lazer como viajar. Em suma, a redução dos contatos pessoais e do raio de mobilidade geográfica, o comprometimento de outras tarefas e expectativas pessoais e a diminuição do tempo de lazer produzem um elevado nível de ‘stress social’”.

<sup>10</sup> Santos, Sílvia Maria Azevedo dos & Rifiotis, Theophilos. (2003). Cuidadores familiares de idosos dementados: uma reflexão sobre o cuidado e o papel dos conflitos na dinâmica da família cuidadora. In: Meire Cachione, Olga von Simpson e Anita Neri (Orgs.). As múltiplas faces da velhice no Brasil. Campinas, SP: Alínea, 2003, p. 141-164.

<sup>11</sup> CALDAS, Célia Pereira, 2000. O Sentido do ser Cuidando de uma Pessoa Idosa que Vivencia um Processo Demencial. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro

até afastamento das atividades laborais, ao mesmo tempo em que “tinha sempre ao menos um deles [irmãos] aqui em Natal”, para lhe dar um suporte, que se tornou mais efetivo. Contudo, com o seu falecimento, a rotina intensa” à qual se ajustara se converte em vazio e saudade, “ela faz muita falta, [...] tudo lembra ela e o nosso cotidiano. Sonho com ela com frequência. São sempre sonhos bons”. Talvez por isso, o cuidado até então reservado à mãe é transferido para o seu animal de estimação, um gato:

Eu já tinha convivência com o gato até antes de ela chegar no Brasil, por causa do doutorado que fiz em Marrocos, quando morei com ela uma parte do tempo em que estive lá. É um gato velho também, tem 13 anos. Por essas coisas todas eu jamais teria coragem de dar. Ela era louca por esse gato. Queria morrer com ele, ela dizia. Ela sabia que eu cuidaria dele. Meu irmão disse que eu devia dar o gato, mas eu nunca teria coragem.

A assunção do papel de cuidadora pode tanto ser motivada pelo relacionamento próximo mantido com a/o idosa/o antes da doença, como também ser baseada numa obrigação ética e moral – o cuidar (FALCÃO; BUCHER-MALUSCHKE, 2008) que, no caso de Aisha, transmuta-se em tributo dispensado à mãe falecida através do cuidado que passa a dispensar ao seu animal de estimação.

Todavia, observam as autoras acima mencionadas, exercer o papel de cuidadora pode contribuir para expor e/ou exacerbar os conflitos, as distâncias emocionais e geográficas que por vezes permeiam as relações intergeracionais. Assim, se a filha está aposentada, como Mônica, com 67 anos, irmã de Hanna, mesmo se não mantém um vínculo mais próximo com a mãe, espera-se que cuide da mãe com devotamento, supere mágoas e discórdias que, entretanto, denunciam-se nas poucas palavras ásperas trocadas entre elas e suspiros irrisignados, pois “eu preciso aproveitar o resto de vida que ainda tenho”, apesar da culpa, alimentada pelos olhares censores e mal dissimulados dos sobrinhos, o que tem trabalhado com seu terapeuta.

Conforme reitera Caldas (2003), as mulheres assumem o cuidado, a maternagem como um papel intrínseco à sua natureza, pois seu desempenho está social e culturalmente enleado ao papel de mãe. Cuidar dos familiares idosos, portanto, consiste em um dos papéis que a mulher exerce na esfera doméstica. Todavia, a

autora evoca um fator importante: a faixa etária dos cuidadores se insere na mesma geração das pessoas idosas cuidadas. “São ‘idosos jovens independentes’ cuidando de ‘idosos dependentes’”. (CALDAS, 2003, p. 778)

Com efeito, ponderam Sebastião e Albuquerque (2011), os sentimentos de reciprocidade, solidariedade e ajuda estão condicionados à proximidade afetiva e o grau de parentesco com a pessoa dependente. Os cuidadores cuja relação com o idoso dependente era marcada por proximidade e intimidade antes do surgimento da situação de dependência externam uma motivação altruísta na prestação de cuidados, enquanto os cuidadores que mantinham uma relação anterior permeada por conflito, tensão e distanciamento são usualmente motivados pelo sentimento de obrigação, de modo a se esquivarem da censura e angariarem a aprovação familiar e social. Como corroboram Areosa e suas colaboradoras (2014, p. 484), “este cuidado acaba cumprindo normas socioculturais fundamentais à continuidade da sociedade, ou seja, a necessidade de atender certas normas relativas ao dever de manter, proteger e ajudar o idoso”, o que não se torna um impeditivo para que, na interação involuntária do cuidar-ser cuidado possam emergir sentimentos e mágoas até então dissimuladas e/ou silenciadas.

Todavia, se a filha é preterida no afeto materno pelos irmãos e não está inserida no mercado de trabalho formal, a convivência é marcada por tensão e parece se tornar ainda mais complexa, como é o caso de Ruth.

Ruth tem cinquenta e dois anos, perdeu o pai, com quem tinha uma relação de cumplicidade aos vinte anos e, alguns anos mais tarde, a avó, que parecia compreender seus anseios. Desde então, reside com a mãe viúva, os irmãos se casaram e constituíram suas próprias famílias e, sempre mantiveram laços afetivos fortes com a mãe, viajavam, faziam passeios, passavam juntos finais de semana na casa de praia da família nos arredores de Maceió. Ruth se graduou em Comunicação, trabalhou pouco tempo em um Jornal e, depois, na empresa de um dos irmãos, mas seu desejo mesmo era ter sua própria empresa. Faz alguns anos, a mãe apresentou problemas de saúde e, desde então, Ruth se dedica integralmente a administrar os bens da família e aos cuidados com a mãe. Antes festeira,

sorridente e cheia de amigos, Ruth se tornou quase reclusa e explica o motivo:

Quando minha mãe estava bem, ela viajava sempre e ia para a casa de praia da família ou de meu irmão nos finais de semana. Então, eu tinha minha própria vida, saía muito, recebia amigos aqui em casa, viajava, namorava. Meus irmãos sempre me cobraram para fazer concurso, teve um que até me arranhou um emprego na Prefeitura sem me consultar. Mas, eu queria tomar minhas próprias decisões. A coisa piorou com a doença de minha mãe, começaram a pegar no meu pé, controlar meus horários e saídas. Teve um final de semana na praia que me colocaram na parede, queriam que eu admitisse que tinha uma namorada e, quando finalmente confirmei, tudo mudou. Eles não gostam de Eliane, a gente está junta tem mais de dez anos, mas eles fazem de tudo para dificultar, para a gente ficar junta é preciso viajar, pois aqui não tem jeito. No carnaval mesmo, todos viajaram e sequer me consultaram, apenas me comunicaram. Então, tive que ficar com minha mãe. Eu resolvo tudo em casa, meus irmãos não tomam conhecimento de nada, até se faltar dinheiro para alguma despesa eu tenho que me virar.

Segundo Louro (2008), no campo dos gêneros e da sexualidade, ao que tudo indica, o maior desafio parece tanto aceitar que os esquemas binários e dicotômicos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) já não são suficientes para explicar as posições dos indivíduos como também admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente cruzadas e, mais ainda, aceitar que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem se situa precisamente na fronteira, ou seja, a posição ambígua entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver, a despeito da marginalização e discriminação que enfrentam. Todavia, alerta a autora:

Se, hoje, as classificações binárias dos gêneros e da sexualidade não mais dão conta das possibilidades de práticas e de identidades, isso não significa que os sujeitos transitem livremente entre esses territórios, isso não significa que eles e elas sejam igualmente considerados. (LOURO, 2008, p. 22)

Diante disso, a autora argumenta que os setores tradicionais renovam e intensificam as formas de regulação e ataque, que envolvem desde campanhas que exaltam os valores tradicionais da família heteronormativa, até manifestações de extrema agressão e violência física, seja na esfera pública, seja na família, como acontece com Ruth, cuja orientação sexual é tolerada, desde que dissimulada, mas quando explicitada, torna-se alvo de menosprezo, vigilância, controle e punição da família.

A punição por transgredir as normas se dá sob a forma de imposição do exercício do cuidado, função inata a uma “mulher de verdade”, cuidado este que não se resume a monitorar a saúde materna, mas também acompanhá-la nos compromissos sociais, aniversários, casamentos ou ficar com ela em casa quando não se sente motivada para sair, o que se torna um entrave à convivência com a companheira, que não frequenta os mesmos círculos sociais nem a casa de sua família, o que por sua vez resulta em controle de danos, já que a relação permanece mantida em segredo, situação que convém aos irmãos e, terminou sendo assimilada por Ruth, que se afastou da maioria dos amigos. Sem trabalho e autonomia financeira, o menosprezo se expressa sob a forma condescendente e/ou irônica com que os irmãos ouvem suas opiniões, Ruth não é levada a sério pela família e, pouco a pouco, os laços afetivos se fragilizam, ao mesmo tempo em que a solidão e mágoa se cristalizam sob a forma de queixas segredadas a poucos amigos em telefonemas esparsos.

### 3. Ao desligar: ressonâncias

Os relatos aqui emoldurados são situados em contextos geracionais e em situações relacionais, isto é, a análise das trajetórias de vida afetiva e sexual é delineada pelo cenário onde se materializam as relações de amor e sexo e pelas interações concertadas entre a narradora e as personagens que ela elege como componentes de sua história. Desta forma, falar de mulheres significa negar a existência de uma “categoria natural” e, compreender a pluralidade de sentidos que contrastam e acordam para constituir continuamente uma concepção social de gênero. (ALVES, 2009)

Há que perceber como os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres no espaço privado vêm sendo reprisados e, ainda que apresentem novos scripts, reificam uma configuração de normalidade no que se refere à opressão de gênero. Na cena contemporânea, as filhas continuam a ser “naturalmente” escolhidas como cuidadoras dos idosos da família, assumem a responsabilidade pelo suporte familiar, sem que outras possibilidades sejam cogitadas, mesmo tendo uma vida profissional, social e afetiva ou que a família disponha de recursos financeiros para contratar uma cuidadora

profissional. Para as filhas solteiras, as expectativas e projeções familiares prescrevem renúncia, abnegação e sacrifício, enquanto os filhos são desobrigados de responsabilidades, suas visitas tantas vezes breves e esporádicas atestam a participação na vida cotidiana dos pais, ao mesmo tempo em que suas exortações encenam o controle sobre os corpos, desejos e trajetórias das filhas, cujo “destino” parece inescapável, na tentativa de lhes subtrair a capacidade de agenciamento.

Na cena contemporânea, a velhice se torna cada vez mais uma responsabilidade atribuída à família, à qual cabe compor rearranjos para prover cuidados aos mais idosos, encargo que recai principalmente sobre as filhas solteiras na maturidade ou em processo de envelhecimento, cujos estudos são inusuais e carecem de maior visibilidade acadêmica. Talvez porque para as filhas verbalizarem incômodo, desconforto, ressentimento diante de renúncias e restrições no campo afetivo e financeiro implica em se exporem à censura da sociedade e dos próprios familiares, mas também repisarem a culpa vezes sem conta. Assim, nas confidências por entre linhas cruzadas, as filhas cuidadoras tramam relatos convergentes que, interrompida a ligação, ensejam um silêncio cúmplice que não as ameaça e engenham resiliências.

Finalmente, ao socializar uma versão preliminar deste artigo sob a forma de comunicação oral em um evento científico, pude perceber o olhar perscrutador de uma das participantes, que atentamente acompanhava a minha apresentação. Assim que concluí, afirmou que também era solteira, estava na faixa dos cinquenta anos e cuidava da mãe. Entre estupefata e contemplativa, indagou para mim ou talvez para si mesma: “É isso que vai acontecer comigo?”. Seu questionamento e linguagem corporal pareciam acusar um misto de fatalismo e conflito diante da vivência a que (ainda) estão predestinadas as mulheres no tocante à responsabilidade exclusiva com os cuidados dos idosos da família e, conforme nos revelam as narrativas aqui analisadas, parecem colocá-las à margem, na medida em que seus projetos de vida, planos profissionais ou pessoais são postergados enquanto os homens e pessoas mais jovens do grupo familiar seguem suas vidas sem sobressaltos. Por enquanto, este é um tema

cercado de tabu, que as próprias mulheres evitam abordar de forma explícita, por receio de censura e condenação, enquanto a ordem patriarcal de gênero segue seu curso e se reafirma na nova geração de mulheres e homens cuja juvenildade não tarda a esmaecer. Pois, como pressagiam os versos lupicinianos, “Esses moços/Pobres moços/Ah! Se soubessem o que eu sei...”

## Referências

- ALVES, Andréa Moraes. Fronteiras da relação. Gênero, geração e a construção de relações afetivas e sexuais. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*. ISSN 1984-6487 / n.3 - 2009 - p.10-32. Disponível em: [www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org). Acesso em: 12 abr. 2019.
- AREOSA, Sílvia Virgínia Coutinho et al. Cuidar de si e do outro: estudo sobre os cuidadores de idosos. *Psic. Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 482-494, jun. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862014000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 nov. 2019.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero e Envelhecimento. *Revista Coletiva*, nº 5/ jul/ago/set 2011. Disponível em <http://anteriores.coletiva.cf/index.php/artigo/genero-e-envelhecimento/>. Acesso em: 16 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010*, p. 225-250.
- \_\_\_\_\_. Feminismo, Gerontologia e Mulheres Idosas. BONNETI, Alinne; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima (org.) In: *Gênero, mulheres e feminismos*. Salvador: Edufba/NEIM, 2012a, p. 71-92 (Coleção Bahianas, 14).
- \_\_\_\_\_. Mulheres entre o cuidado de velhos/as e a reprodução de jovens em famílias no Brasil. *ex aequo*, n.º 26, 2012b, p. 87-101.
- \_\_\_\_\_. A geração pivô, intermediária na família. *XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-ALAS Brasil*. Teresina: UFPI, 2012c.

\_\_\_\_\_. IDADE E SOLIDÃO: a velhice das mulheres. *Revista feminismos*. Vol.6, N.2, Mai. – Ago. 2018, p. 88-96. Disponível em: [www.feminismos.neim.ufba.br](http://www.feminismos.neim.ufba.br). Acesso em: 10 nov. 2019.

CALDAS, Célia Pereira. Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(3):773-781, mai-jun, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15880.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FALCAO, Deusivânia Vieira da Silva; BUCHER-MALUSCHKE, Julia Sursis Nobre Ferro. Filhas que cuidam de pais/mães com provável/possível Doença de Alzheimer. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 13, n. 3, p. 245-256, Dec. 2008. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2008000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000300007&lng=en&nrm=iso)>. access on 17 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000300007>

GONÇALO, Camila da Silva; BARROS, Nelson Filice de. Entrevistas Telefônicas na Pesquisa Qualitativa em Saúde. *Sau. & Transf. Soc.*, ISSN 2178-7085, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 22-26, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008, p. 17-23.

RODRIGUES, Lupicínio. Esses Moços. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/lupcinio-rodrigues/284979/>. Acesso em 20 nov. 2019

SAAD, Paulo Murad. Transferência de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina. In: CAMARANO, A. A. (ORG.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? *IPEA*, 2004, p. 169-209.

SANTOS, Julianin Araújo, BOAVENTURA, Vanessa Cunha; BRITTO DA MOTTA, Alda. Vivências da velhice: Do significado [pessoal] às representações sociais. *Anais 18º Encontro da REDOR*. Recife: UFRPE, 2014. Disponível em: <http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/1947-4553-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SEBASTIÃO, Cristina; ALBUQUERQUE, Cristina. Envelhecimento e dependência. Estudo sobre os impactes da dependência de um membro idoso na família e no cuidador principal. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(4). São Paulo (SP), Brasil, setembro 2011: 25-49.

SILVA, Marina da Cruz. As relações geracionais no contexto familiar e social: revisitando o debate. *Anais 18º Encontro da REDOR*. Recife: UFRPE, 2014, p. 554-571. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2116/661>. Acesso em: 17 abr. 2019.